

GREVE

E' fácil compreender a dolorosa decepção dos médicos e outros servidores públicos de anel no dedo em face do veto presidencial ao projeto 1.082. Compreende-se até mesmo que muitos dêles tenham se exaltado em declarações infelizes. Mas não acredito, de maneira alguma, é que a maioria da classe resolva topar a greve.

Não pretendo elogiar o sr. Café Filho por um ato que êle praticou certamente de coração pequeno. Êle não podia fazer outra coisa, a não ser que se conformasse em lançar o país numa avacalhada inflacionária sem precedentes. Sancionando o projeto neste momento, êle não apenas criaria uma despesa insuportável como perderia toda a força moral para enfrentar outros casos semelhantes. Muitos médicos de bom senso hão de reconhecer que o sr. Café não tinha outro caminho, pois êsse velho projeto, além de voltar ao Executivo em um momento péssimo, veio sobrecarregado de emendas aprovadas pelo fácil liberalismo parlamentar. Êsse veto cria, certamente, uma grave responsabilidade para o Presidente, pois depois disso êle não terá o direito de ceder diante de reivindicações de grupos ou classes porventura ainda mais influentes que os doutores da burocracia.

Está claro que de profissionais ridiculamente remunerados, é que durante anos esperaram a aprovação de um projeto que atende suas justas reivindicações, não poderemos esperar muita receptividade a essas razões superiores. E é mesmo natural que êles recebam com desprezo as pequenas vantagens que o govêrno lhes oferece para compensar êsse golpe duro em suas verdes esperanças. Mas daí até a resolução da greve há uma distância que seria ignóbil transpôr. Se estão com raiva do sr. Café Filho, que os médicos exprimam amplamente êsse sentimento, dêem entrevistas violentas, gritem pelo rádio, lavem a alma como puderem. Mas o que não é humano, o que não é justo, é que êles se vinguem na pobre gente do povo, nos doentes miseráveis que êles devem tratar e que esperam sua vez nas imensas e tristes filas dos ambulatórios e hospitais. Antes de serem funcionários, antes de serem pessoas que recebem vencimentos ou salários, os médicos são médicos. E ser médico implica em deveres que superam a todos os outros, porque são de simples humanidade. Cuidar dos enfermos não é apenas mandamento de uma religião, é imperativo absoluto, primário, de humanidade. Desgraçado do govêrno, pobre do Parlamento que recuasse de qualquer decisão diante de ameaça tão vil.

Conheço um número suficiente de médicos para poder afirmar que a propalada greve seria, para honra da classe, um tremendo fracasso. A maioria saberá superar seus ressentimentos pessoais, esquecer seus problemas, por mais graves que êles sejam, para cumprir seu claro e simples dever de médicos e de seres humanos. A minoria que fôr à greve irá com o coração pesado de remorso, com a consciência ruim e suja. A greve é ilegal, mas isso perde toda a importância diante do fato primário: ela é, antes de tudo, desumana.

78-11-54 R. B.